

Federação comemora. MNU faz denúncias

Os negros, 96 anos depois do 13 de Maio

Ronaldo Faria

Art. 1º - É declarada extinta a escravidão no Brasil.
Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

"Lei Áurea, 13.05.1888" - Princesa Isabel
Mas o que chegou com essa lei de apenas dois artigos? Mudou toda a realidade do negro brasileiro ou continuou, sob novas formas, a "escravidão"? Fazendo 96 anos no dia de hoje, essa lei está chegando ao seu centenário sem, efetivamente, conseguir seu intento. Numa terra onde há a pregação da "democracia racial" e o samba e o futebol são colocados como a prova máxima da integração, os negros ainda tentam redescobrir a sua história e o seu papel social. Mas quem são esses negros? Em Campinas, divididos em movimentos, eles representam um pouco da história da cidade. Criadores de bairros como o São Bernardo e a Ponte Preta, muitos escreveram em revolta e mobilização o seu dia-dia. Campinas participou da Frente Negra, o maior movimento nacional que já surgiu entre os negros, e foi um dos focos "libertários", apesar dos seus inúmeros barões. Mas, nem tudo é vitória ou conquista. Há muito ainda a se fazer.

Libertar quem?
Na época da Abolição da Escravidão, Campinas tinha cerca de 16 mil negros, para uma população de 33 mil. Os dias nas fazendas cafeeiras da região continuavam "normais", com os títulos de barão sendo distribuídos para "aplaçar os republicanos". Explica o professor da Unicamp, Ademir Gebara, que em cada uma das fazendas o número de escravos girava em torno de 35. Mas, se numa esse número podia girar em três ou quatro, em outra (como a fazenda São Pedro, na divisa de Valinhos) ele chegava a mais de duas centenas. O número de fugas já havia diminuído. Entre 1870/87 apenas um negro ti-

nha fugido na região. Havia uma "esperança": a Lei do Ventre Livre.

Se antes, em Campinas, era comum se ter fugas em massa - com a posterior criação de quilombos - nos anos que vigorou a Lei do Ventre Livre (28.9.1871) surgiu a "certeza" de que tudo poderia mudar. "Os escravos viram nela uma saída, uma esperança. Se a revolta era uma constante nos anos que a antecederam, explica Ademir Gebara, houve uma espécie de "consenso" com essa lei e o "comportamento" melhorou, segundo estudos de um embaixador inglês em carta ao seu rei.

Entretanto, de acordo com dados levantados por estudiosos negros e a leitura do texto da lei, vê-se que de cada 20 filhos de escravos, apenas um sobrevivia. Além disso, os "livres" eram mandados para a Casa da Roda, ou Asilo dos Expostos - (órgão do governo para assistência aos "negros livres") onde o índice de sobrevivência era de dez por cento. Em 1885 vem a Lei dos Sexagenários, libertando os escravos com mais de 60 anos. Porém, esses escravos tinham, antes, de trabalhar mais três anos para "indenizar" seu proprietário.

"Quando a Lei Áurea chegou o número de escravos já era pequeno e o fazendeiro - que pensa o seu universo em função do mercado de mão-de-obra - viu que era muito mais fácil e econômico a "liberdade". Se um escravo no café, para uma colheita de 140 arrobas, lhe dava um lucro de 393 contos de réis, um colono lhe dava 500 contos de réis. A diferença de capital ficava com a "manutenção" do escravo, além da fuga, enfermidades longas, morte e etc. Teve ainda a tentativa da Princesa Isabel em se firmar politicamente e tentar se transformar numa alternativa para um regime que, a olhos vistos, estava desmoronando. Tentou-se, portanto, com as leis anteriores protelar a libertação. Mas, num dado momento, ela chegou".

A Frente Negra surgiu em 1931, virou partido e acabou em 37

Em Campinas o volume de escravos foi sempre constante, de 1.850 até 1.888. Segundo Ademir Gebara, na cidade não foi também o nível de migração estrangeira (igualmente constante) que determinou as "transformações" na cidade. Muitos escravos - e a Gazeta de Campinas (órgão dos republicanos em ascensão) mostrava em alguns "artigos" - aos poucos conseguiram se impor, aprendendo a ler e escrever. Some-se a isso que muitos escravos fugidos já tinham uma função no mercado de trabalho e se interagiam na vida da cidade sem a necessidade de recriar quilombos. Dessa forma, a resistência de muitos proprietários de escravos foi aos poucos reduzindo. Mesmo sendo contra, não havia como não "nadar de acordo com a maré". Assim, em 1.888 faz-se em lei algo irreversível. Mas o que aconteceu daí para a frente com os negros de Campinas?

À beira do caminho

"Não existe nenhum líder negro. Eles só se esboçam, mas não se realizam. Assim que um negro se prenuncia líder, "eles" não deixam. Um pouco como eu: não sou líder. Fui abortado". Seu nome é José Alberto Ferreira, 75 anos, advogado e escrivão aposentado, ex-integrante da Frente Negra e da Liga Humanitária dos Homens de Cor. Sentado no quintal da sua casa, onde atende gratuitamente pessoas do bairro - Vila Padre Manoel da Nóbrega - Doutor Ferreira, como é conhecido, fala um pouco do que aconteceu como negro "liberto". Participante de um momento importante na história do país e dos negros - a Revolução de 30 - ele "fez fileiras", com a Frente Negra numa tentativa de conscientizar a raça.

"A Frente Negra foi o único movimento que existiu no Brasil que tentava diretamente a conscientização do negro e a sua função às reivindicações básicas. Ela nasceu em 31, muito no estímulo da Revolução de 30, que despertou uma nova dinâmica para todos brasileiros. Era a nova concepção de nacionalidade que surgia. Logo, os negros também tinham de se conscientizar". O presidente da Frente Negra, a nível nacional, era Olinio Veiga dos Santos ("um dos raros que cresceu e não esqueceu da raça").

"Nós - explica Doutor Ferreira - tínhamos força. Se alguém era preso, logo estava lá um advogado negro para saber com o delegado porque isso tinha acontecido. Mas erramos por tentar entrar solapando, de "chofre". Quem dominava passou a ter o Frente Negra. Mas nós não queríamos guerra. O que nós almejávamos era apenas que fôssemos livres e tendo as mesmas condições de se integrar à sociedade como os brancos tinham. Antes do movimento de 1.930, o negro era só eleitor. A partir daí, com a conscientização, queria também ser cidadão. E o ideal da Frente Negra cresceu entre todos os negros".

Entretanto, a Frente Negra iria sofrer mutações. Em 32, com a Revolução Constitucionalista, os negros paulistas, em sua grande maioria, se negaram a pegar armas contra Getúlio Vargas. "Afinal, explica Doutor Ferreira, era ele quem tinha feito 30 e nos dado a chance de brigar". Mas, essa "fidelidade a Getúlio" seria traidora. "De repente foram chegando muitos políticos interessados em arrebatar a Frente. Houve muita infiltração. Quase todos chegavam em nós e diziam: esquece

a Frente, faz um partido. O que resolve é partido político".

Da Frente ao Partido

A Frente Negra virou, então, um partido: Esquerda Democrática, onde negros e comunistas se uniam pela luta a favor dos oprimidos. Porém, parte de uma estratégia Getulista, a nova constituição da Frente serviu apenas para ser, junto a todas as agremiações políticas, fechada pelo Golpe de 37, que criou o Estado Novo. "Foi uma jogada do Getúlio, que via a força da Frente Negra em todo o país. Daí, com 37, ela foi fechada, já que era partido. Alguns negros foram presos, pois estavam com uma diretoria comunista. Aconteceu aí o rompimento na nossa luta de conscientização".

A empolgação, como define Doutor Ferreira, que já tomava conta da raça negra em São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, principalmente, foi extirpada. "De importante, depois, só o Teatro Experimental do Negro, em 1.950. O pessoal passou, então, a ver que um caminho para a liberdade podia ser o das artes. Um negro daqui de Campinas, Aguinaldo Oliveira Camargo, diretor de teatro e ator, chegou a sair na capa de O Cruzeiro e virou nome de rua, pelo seu valor".

Com as artes os negros imprimiam outro eixo para a luta racial pela igualdade. "Mas até hoje, afirma o ex-líder, a nossa situação é dúbia. Muitos dizem que o Brasil é uma democracia racial, que todo mundo é igual, mas isso é para o turista ver. Eu sou "turrão", "catuira", e não consigo ver isso. O negro não é anti-Brasil, como muitos dizem, por tentar a sua igualdade. Querem apenas seus direitos. O branco também não é culpado. Tem muito branco bom. Só que existe uma cúpula que quer ver o negro preso, apenas com pouca coisa, achando que "para negro isso basta". Mas a solução, para nós, negros, não é a hostilização, pois o branco tem o poder e nos esmagaria".

Doutor Ferreira para e coloca o livro sobre um banco: "É importante que o negro mostre, pela união e pelo conhecimento, que tem valor. Ele atualmente está disperso, sem retaguarda e visto, como coletividade, sem nenhum respeito. É preciso mudar isso. Ainda vemos que muitos negros até conseguem um emprego bom, mas são "congelados" nele. A partir de um certo cargo não sobem mais. Mas o negro quer subir também". Candidato duas vezes a vereador em Campinas, pelo PTB, Doutor Ferreira acredita que tudo ainda possa mudar: "mas o branco gosta mesmo é do negro bonzinho, quietinho no seu canto".

Um dos exemplos que ele usa para isso foi a cassação do ex-prefeito de Santos, Esmeraldo Tarquinio, cassado logo após sua eleição, em 68. Era negro. "Isso foi um baque para os negros, porque muitos passaram a ter um pessimismo grande. Não adianta mesmo lutar, falavam." Mas Doutor Ferreira não se frustrou de todo. "Tinha entrado na Frente Negra com o intuito de ajudar meus patrícios e, depois de formado advogado, agora aposentado, tento ajudar com apoio jurídico gratuito. Mantive o meu ideal".

"Mas o negro mesmo está desamparado e desestimulado. Ele não acredita mais nele. Foi "veneno" que puseram na raça. Só que nós podemos fazer alguma coisa. A Liga Humanitária sobrevive até hoje.

1903: surge um colégio para pobres e negros. E muito bom

Um dos exemplos históricos da luta pela grandeza da raça é o Colégio São Benedito. Fundado em 1.902 por Francisco José de Oliveira, o Colégio, que funcionava na Avenida Moraes Salles, tinha a função de atender os filhos de negros e crianças pobres em geral. Entretanto, seu fim mostrou a desunião que Doutor Ferreira frisou. "Foi de lá, em 1.903, que nós vamos nascer a Federação Paulista dos Homens de Cor. Só que aos poucos, como era um ensino bom e gratuito, muitos políticos foram se infiltrando nele, com o desejo de "ajudar". Eles queriam era um viveiro político, pois os pais das crianças passaram a frequentar o São Benedito".

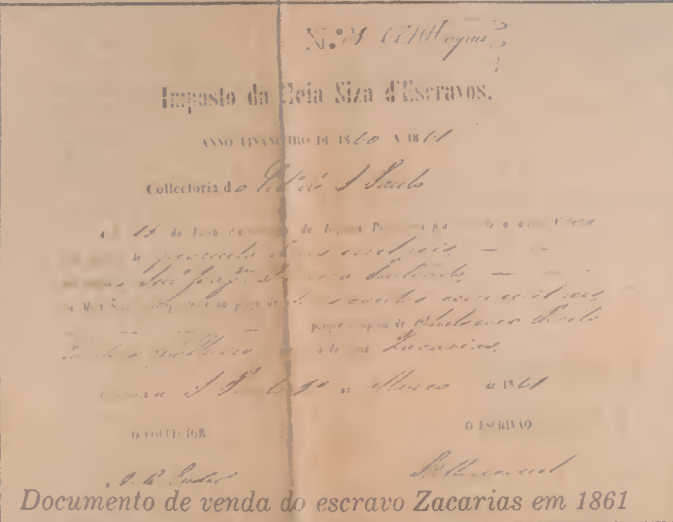
O colégio passou, então, a mudar seus preceitos de ensino e se "misturar" à política. "Foi

quando surgiram uns negros que não ficaram de acordo com o que estava acontecendo e fundaram uma associação própria. Acontece que, além disso, eles reivindicaram a posse do prédio. Daí para a ação judicial foi um passo. Só que nenhum dos dois grupos tinha recursos financeiros para essa disputa. Ai é que o negro perdeu o seu patrimônio".

A ação rolou mais de trinta anos no Fórum. A tal associação acabou vencendo o processo. Só que, como não tinha dinheiro, foi preciso que tivesse "ajuda". Foi um branco que ajudou e, depois, pediu para ser indenizado. A única indenização cabível era o próprio prédio. No momento, foi todo o patrimônio vendido e o colégio São Benedito, que tinha sido uma conquista dos negros, fechou.



José Alberto 75 anos. Participou da Frente Negra



Documento de venda do escravo Zacarias em 1861



Uma "festa". Mas nela haverá protestos

Quando a "festa" começar hoje, às 11 horas, com a missa cantada na Igreja de São Benedito, um grupo estará participando, mas como "panfleteador".

Sem entender direito as "comemorações" propostas pela Federação Paulista dos Homens de Cor, os integrantes do MNU (Movimento Negro Unificado) distribuirão na missa de hoje a sua "realidade". Com o título de

"Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo", o panfleto mostra uma realidade diferente da "alegria da libertação" e de inaugurações como a estátua da Mãe Preta. O MNU, que promoveu ontem um debate sobre a realidade do negro, mostra que ainda há muito para a consagração da liberdade. Talvez o momento atual seja como seu título de palestra: 13 de Maio, Libertação de Quem?

Márcio Roberto do Carmo, presidente do MNU - Campinas, é quem explica os pontos básicos na luta da raça negra: contra o racismo, contra a violência policial, pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil e pelas eleições diretas, já. E por que esse último item? "É bom que se denote que há uma ligação entre o regime e o racismo, onde podemos entender isso até para a própria divisão do trabalho.

Mudando-se o regime, teremos, certamente, condições de ampliar nossa luta e nossas reivindicações específicas", explica o presidente do MNU.

Para referendar o que diz, Márcio do Carmo mostra um dado importante: antes de qualquer partido ou sindicato, foi o MNU que, em 1980, fez a denúncia do crescente desemprego. "E que nós, como negros, já estávamos sentin-

do na carne, pois o negro é o primeiro a ser demitido e o último a ser readmitido". Reforçar a mobilização para extinguir efetivamente todas as formas de racismo, é a principal luta do MNU. "Até essa homenagem à Mãe Preta é demagógica. Que se homenageie a mulher negra todos os dias, com empregos dignos e creches para os seus filhos. O resto, realmente, é demagogia".

Sears

Presentes para as Noivas de Maio

Economize Cr\$ 8.600, Panela de pressão Teflon II 4,5 litros

De Cr\$ 28.500, por Cr\$ 19.900,

Economize Cr\$ 3.000, Omeleteira redonda com revestimento Teflon II

De Cr\$ 11.600, por Cr\$ 8.600,

Economize Cr\$ 400, Ferv magic com revestimento antiaderente

De Cr\$ 12.900, por Cr\$ 8.900,

Economize Cr\$ 3.400, Tortas mil

De Cr\$ 13.300, por Cr\$ 9.900,

Economize Cr\$ 300, Escova aspiradora de mesa

De Cr\$ 1.050, por Cr\$ 750,

Máquina de Costura Zig Zag Singer com gabinete - tipo exportação

A vista Cr\$ 180.000, ou 12 de Cr\$ 30.300, Total a prazo Cr\$ 393.900, sem entrada

Sua máquina de costura usada, de qualquer marca e em qualquer estado, vale Cr\$15.100, na compra desta Singer!

Use o seu CCS - Cartão de Crédito Sears

Economize Cr\$ 3.000, Assapress 12 em 1

De Cr\$ 11.900, por Cr\$ 8.900,

Revestimento Teflon II. Ideal para empadas, cuscuz e pudins.

Economize Cr\$ 2.000, Conjunto de 3 travessas rasas de alumínio polido

De Cr\$ 8.900, por Cr\$ 6.900, Fundas

De Cr\$ 9.900, por Cr\$ 7.900,

Economize Cr\$ 6.000, Frita Press

De Cr\$ 23.200, por Cr\$ 17.200,

Revestimento Teflon II. Ideal para frituras.

Economize Cr\$ 3.500, Escorredor cromado

De Cr\$ 14.500, por Cr\$ 11.000,

Para até 18 pratos. Com suporte plastificado, removível, para talheres.

Satisfação Garantida ou Seu Dinheiro de Volta!

CAMPINAS - R. Dr. Costa Aguiar, 500 - Tel.: 32.6900

Sears